



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Mais Veneno do que Perfume

Tenho feito algumas viagens de carro com Álamo Oliveira entre o Raminho e Angra do Heroísmo - e vice-versa. Continuamos, com uma generosa equipa, feita de amplo talento e sobejo esforço, a trabalhar num filme a partir do seu livro de contos "Com Perfume e com Veneno". Condensa, julgo, as virtudes da ficção deste autor maior. A capacidade para tratar os temas que marcam a natureza humana. A atenção à História açoriana da segunda metade do século XX. Uma rara elegância de estilo, na qual se sente nítida fluidez, própria de um escritor por natureza. A coragem em tocar em temas que, por pudor, a maior parte dos escritores deixa de lado. O sentido da fábula e um certo surrealismo com sentido para dizer o que tem a dizer. O humor, tão raro na literatura portuguesa contemporânea.

E mais: a destreza para fazer conviver a cultura erudita e a cultura popular. A semiótica e o bailinho. Uma mistura entre candura e sarcasmo. Entre o conto "Por uma Lágrima Gorda", sobre a amizade, em ambiente de guerra, entre um soldado e uma rapariga africana, e o conto "Livraria Meu Amor", uma sátira deliciosa sobre os frequentadores-tipo das livrarias. E, por fim, o assumir, na sua literatura, o chão que pisa, onde se fez. Declarando, nas histórias, os lugares das várias ilhas açorianas. E os territórios da emigração, nos quais se demorou noutro título, "Já Não Gosto de Chocolates", reeditado, como outros, pela Companhia das Ilhas.

Numa dessas viagens comentei com o Álamo: anda-se a falar muito dos Açores no continente. O Álamo fez uma pausa e, com aquela ironia oferecida no tempo certo, comentou: "finalmente!" Eriu-se, largo e maroto, como um miúdo no recreio. Sim, tem-se falado no arquipélago, feito de ilhas política e socialmente desconhecidas. Ah, de vez em quando lembradas fora do território pelos números da Pordata. Indicativos são mas revelam-se incapazes de explicar todas as razões da fundura das nossas pobrezaas.

Claro: os Açores são falados não por serem os Açores, lugar estratégico entre a Europa conti-

nental e a América, mas por concretizarem, no nosso cosmos, uma preocupação nacional e internacional. Refuto conversas de circunstância mediática. Alinho com a apreensão. Uma coisa é achar-se que, entre legados significativos, foram surgindo alguns dos vícios dos regimes morosamente instalados. Outra é aceitar, sem questionamento algum, uma solução que passa por uma dança com gente nada recomendável, agora felizmente vinculada ao cardápio dos Direitos Humanos.

Desde o início, preferi outra e partilhei-a com próximos: a que garantisse que os dois partidos mais votados se empenhassem na responsabilidade de governar a região em período desgobernado. Acompanhados, pois, em estímulo e escrutínio, por uma variedade de partidos agora representados no parlamento açoriano. Não aconteceu. Esperem de mim tudo menos um cínico apetite para degustar o desastre da minha terra. Quero o melhor, sempre. Há que fazer. Construir. Diminuir desigualdades. Alentar a economia. Reforçar a cultura como elemento indispensável.

Um movimento a executar - e vou discuti-lo, seriamente, com o Álamo em viagem próxima - é invadir, pela noitinha, as casas dos dirigentes regionais da contrariada agremiação. Desprogramar depois, em cada um dos seus plasmas, a Correio da Manhã TV. Um começo na luta contra o populismo? Sim. E, mais importante, um incentivo ao abandono do partido, nefasto, grotesco e desconhecido do percurso histórico do arquipélago, do qual fazem, melancolicamente, parte.

Complementam-se os livros "A História da Imprensa e a Imprensa na História: o Contributo dos Açores", coordenado por Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva, e "Os Açores e os Novos Média", de Osvaldo Cabral. Vão morando aqui, na mesa do escritório, para serem consultados nestes dias em que as redes sociais se multiplicam em facilidades argumentativas, indignadismos, e ímpetos escritos, mais geradores de guerras

equivocas do que construtivas reflexões.

O primeiro livro trata, em algumas partes, das imprensas de algumas ilhas, permitindo-nos conhecer títulos ancestrais. Impressionam certas informações, quase desconhecidas pelos próprios açorianos e partilhadas por Carlos Cordeiro: "Entre 1851 e 1870, foram publicados nos Açores cerca de oitenta títulos de jornais". Sim, cerca de oitenta jornais. Apesar de muitos terem sido de publicação intermitente, revelaram forte, importantíssima, inquietação cívica.

Conta Carlos Cordeiro, homem que, na História, no pensamento, na identidade, serviu os Açores de forma crucial: os jornais de São Miguel, da Terceira e do Faial, as únicas ilhas em que, na época, se publicavam jornais, traziam à luz alguns dos mais problemas decisivos para as populações, como o do abastecimento de cereais.

Nas palavras sabidas de Cordeiro, a liberdade económica, apesar de algumas discordâncias, era defendida na imprensa como princípio. Fazia-se um apelo à intervenção das autoridades no sentido da promoção das obras públicas, de forma a garantir o salário aos desempregados. Chamava-se os mais ricos para a prática da filantropia. Algumas das intervenções jornalísticas, escreve o antigo professor da Universidade dos Açores, encontravam no sistema de impostos a causa das dificuldades dos agricultores. Outras destacavam a exorbitância das rendas da propriedade rural.

O que se percebe deste intenso movimento jornalístico é um conjunto de considerações relevantes, debates sérios, defesa de causas. Muito do que se perde, reitero, no barulho feroz, demasiadas vezes insultuoso, da internet, onde, entre algumas observações educadas, há demasiados ajustes de contas e gestos de ressentimento. Se quisermos: mais veneno do que perfume. Sobre o livro de Osvaldo Cabral, obra pertinente para se pensar a comunicação social nos Açores de hoje, alinharei algumas ideias no próximo artigo. Agora é altura de descer ao Café Açor, recanto obrigatório aqui do Corpo Santo, para consultar as páginas do Diário Insular.

Lagoa promove projecto de Natal direccionado a toda a comunidade do concelho e escolas

A Câmara Municipal de Lagoa está a realizar, pela primeira vez, o projecto Natal do Éduca, direccionado à comunidade local e escolar, com o objectivo de "promover o entretenimento, o conhecimento das tradições e a educação não formal, no âmbito da época natalícia".

A iniciativa divide-se em duas acções, sendo que a primeira visa a participação de todas as escolas do concelho, que incluam turmas do 3.º e 4.º ano de escolaridade, através do concurso do Conto de Natal do Éduca, e uma segunda que passa pelo lançamento de diversos desafios natalícios destinados a um público infantil-juvenil e ao entretenimento das famílias

lagoenses nesta quadra festiva.

O concurso do Conto de Natal do Éduca terá dois métodos de avaliação, nomeadamente uma votação online, via a rede social Facebook, direccionada a toda a população, que irá decorrer do dia 14 de Dezembro até ao dia 4 de Janeiro de 2021, e outra, que ficará a cargo de um júri composto para o efeito. Este último, fará, igualmente, a sua avaliação, em que a originalidade e a criatividade da história; a criatividade das ilustrações; a incorporação da mascote Éduca; a adequação ao tema - Natal e a mensagem transmitida, serão tidos em conta.

Por seu turno, nos dias 1, 4, 7 e 10 de

Dezembro, serão lançados, nas plataformas digitais da autarquia, quatro desafios destinados às famílias lagoenses, em que cada participante irá receber um kit inspirado no Natal do Éduca, composto por uma mochila, um estojo, um caderno, um lápis, um conjunto de etiquetas e uma bola de natal.

O primeiro desafio consiste na decoração de um bolo de Natal, em pasta de açúcar, seguindo-se de decorações para a árvore de Natal, com o auxílio de pasta de moldar. A terceira actividade passa pela construção de luzes de Natal, em cartolina. Já a última iniciativa proposta à comunidade, é a realização de um boneco de



neve aromático.

São admitidos a participar na iniciativa intitulada #educalagoa, apenas, famílias residentes no concelho, sendo que, os participantes deverão realizar os quatro desafios divulgados.